

Uma reflexão conceitual entre identificação projetiva e *enactment*.

O analista implicado

A conceptual reflection between projective identification and enactment.

The analyst involved

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro*

Resumo: O artigo é uma reflexão teórica sobre os conceitos de identificação projetiva e *enactment*. Alude-se que a identificação projetiva é um conceito de transição entre a primeira geração (Freud-Klein) e a segunda geração (Bion-Winnicott) da psicanálise, divisão sugerida por Ogden (2014). A primeira geração se debruça mais intensamente sobre a questão do que pensamos; segue-se a geração que se dedica à maneira como pensamos. Considerando esta organização temporal, o termo *enactment* pertence ao que é conjecturado aqui como a terceira geração de conceitos na psicanálise: aqueles que abordam de que forma analista e analisando pensam juntos.

Palavras-chave: Identificação projetiva. *Enactment*. Conceitos psicanalíticos. Thomas Ogden.

Abstract: *This article refers to the projective identification as a concept of transition between the first generation psychoanalysis (Freud-Klein) and its second generation (Bion-Winnicott), a division suggested by Ogden (2014). The first generation addresses more intensively the issue of what we think. Then, there is the generation that dedicates itself to the way we think. Considering this temporal organization, the word enactment belongs to what is deemed here as the third generation of concepts in psychoanalysis, that is, those that approach the question: In what way do analyst and patient think together?*

Keywords: *Projective identification. Enactment. Psychoanalytical concepts. Thomas Ogden.*

* São Paulo-SP-Brasil.

Introdução

Se as páginas deste livro consentem algum verso feliz, perdoe-me o leitor a descortesia de ter sido, previamente, por mim usurpado. Nossas poucas diferenças; é trivial e fortuita a circunstância de que sejas tu o leitor destes exercícios, e eu seu redator (BORGES, 1923/2007).

Um dos desafios para o psicanalista, hoje, é compor, dentro do vasto acervo de teorias existentes, um diálogo entre conceitos que se aproximam, mas também se diferenciam. Podemos identificar denominações que parecem inéditas, no entanto, diante de um exame minucioso, percebemos a complexa rede conceitual que as tornou possível, iluminando, assim, facetas do fenômeno clínico ainda não colocadas no centro das discussões teóricas e clínicas.

Lembrando a proposição de Bion (1992), de que o pensamento antecede o pensador, podemos refletir que a criação de um conceito é fruto das ideias que circulam em determinado grupo de psicanalistas, dentro de um tempo e espaço próprios. Trata-se de ideia também presente na epígrafe que abre este artigo, na qual Borges (1923/2007) fala, de forma belíssima, do verso em busca de um redator. Temos, também, a conhecida peça de Luigi Pirandello (1921): *Seis personagens à procura de um autor*.

Diante da vastidão do universo da psicanálise contemporânea, penso, então, que as gerações de novos conceitos precisam ser evidenciadas, de modo a se contemplar trabalhos que façam um cotejamento entre ideias que se aproximam, mas são diversas, já que pertencem a momentos históricos diferentes.

Bion (1970/1973) também destacou que a psicanálise é uma sonda que expande o campo que investiga – somando-se à experiência clínica, as teorias são, pois, instrumentos que, ao nos possibilitar investigações, expandem o território investigado. Dessa forma, as teorias psicanalíticas ampliam-se constantemente, exigindo do psicanalista, concomitantemente pesquisador e clínico, uma habilidade de compreensão de diversos vértices válidos dentro do arcabouço existente. Mesmo que estejamos dentro de uma procedência teórica – por exemplo, Freud, Klein, Bion e Winnicott, hoje considerados autores clássicos –, esse tronco já guarda uma série de complexidades, questionamentos e até mesmo antagonismos conceituais e clínicos.

Penso ser possível problematizar, tanto de modo mais amplo como mais aprofundado, os conceitos *a posteriori*¹. Trata-se da possibilidade de com-

¹ *A posteriori* é um termo utilizado por Freud, significando que: “Há experiências, impressões, traços mnésicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas, do acesso

preender a complexidade das formulações teórico-clínicas depois de vários anos, a partir de outra geração de psicanalistas. É o caso do texto kleiniano sobre identificação projetiva, que pôde ser desvelado de forma mais clara na sua complexidade teórica e clínica, após a leitura e compreensão dos textos considerados pós-kleinianos. Há, também, a possibilidade de construção de novos conceitos que redimensionam os originalmente apresentados, colocando-os em outro patamar de complexidade, como parece ser o caso do *enactment*.

Ambos pertencem a gerações diversas; o termo *enactment* está no vigor dos seus trinta anos, a ser colacionado com a identificação projetiva, que está comemorando setenta anos desde sua primeira aparição no texto kleiniano, em 1946. A diferença de gerações precisa, então, ser enfatizada. Ogden (2014, p. 68) alude a duas “eras” da psicanálise: “Freud-Klein” e “Bion-Winnicott”. O autor coloca aspas em eras, resguardando-se da amplitude e, também, da possível restrição de qualquer categorização. A primeira geração se debruça mais intensamente sobre a questão do que pensamos; segue-se a geração que se dedica à maneira como pensamos.

Tendo como base essa organização temporal feita por Ogden, proponho então uma terceira geração de conceitos na psicanálise, qual seja: aqueles que abordam de que forma analista e analisando pensam juntos. Nesse grupo, estão o *enactment*, o terceiro analítico² (OGDEN, 1996) e o campo analítico³ (do casal BARANGER, 2010, 1961-62). Detenho-me aqui apenas ao primeiro da série.

Portanto, a ideia principal deste artigo é realizar o cotejamento entre identificação projetiva e *enactment*, mantendo o contato com as origens desses conceitos, muitas vezes identificáveis, mesmo que parcialmente, mas também realçando o novo e o diferente que surge. Alguns comentadores foram eleitos

a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 33).

² Terceiro analítico: “O processo analítico reflete a inter-relação de três subjetividades: a subjetividade do analista, a do analisando e a do terceiro-analítico. O terceiro-analítico é uma criação do analista e do analisando, ao mesmo tempo que ambos (na qualidade de analista e analisando) são criados pelo terceiro analítico. (Não há analista, analisando ou análise na ausência do terceiro)” (OGDEN, 1996, p.90).

³ Campo analítico: “O campo bipessoal da situação analítica está constantemente orientado por três ou mais configurações: o contrato básico, a configuração aparente do material manifesto, inclusive a função do analista nele, e a fantasia inconsciente bipessoal, que é objeto da interpretação. Essa estrutura é constituída pelo interjogo de processo de identificações projetivas e introjetivas e de contraidentificações, com seus limites, funções e características diferentes no paciente e no analista” (BARANGER; BARANGER, 2010/1961-62).

para esta discussão, em especial Ogden; no entanto, não esgotam o vasto campo de autores que vêm se dedicando a esses constructos teórico-clínicos.

Sobre a identificação projetiva

Retomo, sucintamente, o conceito de identificação projetiva, postulado por Melanie Klein em 1946 no texto “Notas sobre alguns mecanismos esquizoides”, um clássico da literatura psicanalítica. Trata-se de um texto considerado seminal, citado em quase todos os artigos sobre o assunto, como uma bandeira marcando um novo território a ser explorado, mas que, no momento da sua descoberta, não tem a dimensão do seu impacto.

Spillius (2012, p. 8), ao examinar os arquivos não publicados de Klein pertencentes ao M. Klein *Trust*, constata que, no ano de 1946, a autora estava ocupada com a questão da posição esquizoparanoide e com o artigo que denominava informalmente de “meu artigo sobre cisão”; em nenhum momento nomeava “meu artigo sobre identificação projetiva”, ou seja, o conceito parece ter surgido de forma inesperada.

A identificação projetiva é um dos conceitos do arcabouço teórico-clínico kleiniano que suscitou vários outros textos e discussões a partir da sua primeira formulação. Como bem destaca Rocha Barros (2014, p. 16), “A fecundidade de um autor pode ser medida pelo número de problemáticas novas que gera depois que este desaparece. São pessoas que não apenas dão respostas fecundas, mas sobretudo criam um novo campo de indagações”.

A utilidade clínica da identificação projetiva é corroborada pela publicação de diversos artigos e livros e de contínuos debates sobre o conceito, não apenas entre os psicanalistas da escola inglesa (QUINODOZ, 2007; 2012). Questões referentes à mudança na técnica analítica também fazem parte dos desdobramentos da identificação projetiva, que surgem dos atendimentos de M. Klein, remetendo-nos à clínica constantemente. A potencialidade deste conceito foi evidenciada pelos psicanalistas que a sucederam, principalmente aqueles do seu círculo próximo: Bion, Segal e Rosenfeld, que demonstraram a amplitude da identificação projetiva tanto na dimensão teórica quanto na clínica.

Meltzer (1990, p. 33) enfatiza essa ideia, lembrando que “[...] a história dos trinta anos seguintes de pesquisas poderia ser escrita em termos da fenomenologia e das implicações desses dois conceitos seminais”, quais sejam, cisão e identificação projetiva.

A identificação projetiva pode ser compreendida como uma fantasia inconsciente entre analista e analisando, podendo ter um caráter mais agressivo e expulsivo, portanto defensivo, ou um caráter mais comunicativo, sendo que os mecanismos de cisão e projeção, em intensidades diversas, estão sempre implicados. Para alcançar essa formulação, uma trajetória foi percorrida por vários teóricos e clínicos da psicanálise, entre eles Bion, todos pertencentes ao círculo kleiniano. A seguir, explícito, sucintamente, essa trajetória.

No texto de 1946, Klein formula a identificação projetiva como um mecanismo defensivo frente às angústias esquizoparanoides. Trata-se de uma forma específica de identificação que tem um caráter de expulsão violenta de partes do *self* para dentro do objeto, enfraquecendo o ego, gerando confusão e indiscriminação entre sujeito e objeto. Se a expulsão for de partes consideradas más, há intensificação da persecutoriedade em relação ao objeto. Se o que predominar for a projeção de partes boas, isso tanto pode tornar as relações de objeto mais amorosas, favorecendo a introjeção do bom objeto e gerando integração, quanto um enfraquecimento do ego, caso a projeção das partes boas seja excessiva. Ou seja, quando a projeção de partes boas é demasiada, a mãe (e posteriormente outras pessoas) pode tornar-se o ideal do ego, favorecendo relações de dependência extrema e um empobrecimento do ego, pois os aspectos bons são todos atribuídos a um outro e não podem ser assimilados pelo ego⁴.

Klein (1946/1996b) considera que “Os processos de excisão de partes do *self* e sua projeção para dentro dos objetos são, assim, de importância vital para o desenvolvimento normal, bem como para as relações de objeto anormais”. Na primeira aparição explícita do conceito – pois este vinha sendo inferido e germinado em textos anteriores – Klein já considera o aspecto normal e vital da identificação projetiva, algo que foi enfatizado mais tarde por Bion (1959/2013b e 1962/2013c).

Em 1952, em *Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê*, Klein faz uma breve observação sobre a complementaridade dos processos de identificação projetiva e introjetiva. O ego torna-se indiscernível do objeto, há um amálgama projetivo e introjetivo do ego e do objeto (BARANGER, 1981).

No texto *Sobre a identificação* (1955/1996c), Klein, entre outras questões, comenta o aspecto não patológico da identificação projetiva, aproximando-o do conceito de empatia. Relata os aspectos funcionais da cisão: se esta ocorre

⁴ Segundo Hinshelwood (1992, p. 300): “Klein não utilizou o termo “ego” de maneira tão precisa quanto Freud veio a fazê-lo com o seu modelo estrutural de ego, id e superego e com frequência intercambiou-o com *self*”.

sob o predomínio do objeto bom, as partes clivadas do ego e do objeto podem ser recuperadas e aproximadas. Diferente da cisão sob o predomínio do objeto mau, no qual há fragmentação e dispersão do objeto e do ego, e, neste caso, pode se tratar de partes perdidas e não recuperáveis, em um processo de esvaziamento do ego (BARANGER, 1981).

No texto de 1957, *Inveja e gratidão*, Klein postula que a inveja é o representante *princeps* da pulsão de morte. Esta, sendo excessiva, intensifica as angústias esquizoparanoides, que terão como principal mecanismo de defesa a identificação projetiva, na sua versão expulsiva e violenta. Descreve que, a partir de uma identificação projetiva maciça, há grande confusão entre *self* e objeto, e há, também, enfraquecimento considerável do ego e comprometimento grave das relações objetais.

A postulação de Klein (1946/1996b, 1952/1982, 1955/1996c e 1957/1996d) sobre a identificação projetiva pavimentou o caminho para que Bion evidenciasse a complexidade do conceito e suas vastas aplicações clínicas. O aspecto patológico da identificação projetiva predominou nos textos kleinianos ou, talvez possamos considerar, prevaleceu em muitos de seus leitores e comentaristas. Entretanto, passou a ser compreendida por outro ângulo no trabalho de Bion: sobressaiu o aspecto de comunicação não-verbal de estados mentais.

Bion (1959/1991b) relata no artigo, *Ataques ao elo de ligação*, que existe um grau normal de identificação projetiva, e que, associada a esta, a identificação introjetiva constitui a base sobre a qual repousa o desenvolvimento normal, o que Klein já havia sutilmente assinalado. Nesse artigo, Bion faz vários relatos clínicos, e, em um deles, descreve que o paciente excindia seus temores e os depositava no analista para que, na mente do analista, os temores pudessem ser transformados, tornados toleráveis e reintrojados na mente do paciente. Há, nessa situação, uma oportunidade para o paciente viver, pela primeira vez, uma experiência emocional de contenção de suas próprias angústias; oportunidade esta que, muito provavelmente, foi anteriormente negada por uma mãe mentalmente indisponível para comportar e conter as angústias de seu bebê:

A gratidão pela oportunidade coexiste ao lado da hostilidade ao analista como alguém que não compreenderá e recusará ao paciente o uso do único método de comunicação através do qual ele sente que pode fazer-se compreender. Assim, o elo de ligação entre paciente e analista, ou entre o bebê e o seio, é o mecanismo de identificação projetiva (BION, 1959/1991b, p. 105).

A identificação projetiva é compreendida como um elo de ligação, com um aspecto comunicativo, sendo que as qualidades psíquicas (no que diz respeito, a conter as angústias do bebê e do paciente) da mente da mãe e do analista são consideradas. É uma compreensão que expande o conceito postulado por Klein. O aspecto normal, já presente no texto kleiniano, é enfatizado. Bion ressalta a função de comunicação de estados mentais e considera as condições psíquicas do receptor da identificação projetiva. A identificação projetiva passa a ser compreendida como um elo de ligação primordial entre bebê e mãe e entre analista e paciente. O elo de ligação, no texto de 1959, diz respeito à capacidade da mãe e do analista de conter as identificações projetivas e modificá-las.

Bion (1959/1991b, p. 106) escreve: “A identificação projetiva [do analisando] lhe possibilita investigar seus próprios sentimentos dentro de uma personalidade forte [do analista] o suficiente para contê-los”. Bion considera tanto os aspectos ambientais, como os provenientes da agressão e da inveja primária. A origem da perturbação é dupla, tanto endógenas quanto exógenas, sendo que essas se iniciam com a própria vida. Ou seja, um bebê pode vir a ter seus ataques fantasiados ao seio mitigados pela capacidade da mãe de contê-los e transformá-los, ou não, nas situações em que essa capacidade da mãe é insuficiente ou ausente.

No artigo de 1957 – *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica* –, Bion relata que, mesmo no paciente no qual predominam mecanismos psicóticos, também podemos encontrar situações nas quais o paciente funciona neuroticamente. Em pacientes não psicóticos, por sua vez, podemos nos deparar com momentos de funcionamento psicótico. Na identificação projetiva, na qual predominam os aspectos agressivos e expulsivos, prevalece um funcionamento psicótico. Na identificação projetiva, na qual sobressaem os aspectos comunicativos, estamos diante de um funcionamento não psicótico. O grau de violência da projeção e a cisão extremada são referências para identificarmos um funcionamento psicótico ou *borderline*. São diferentes intensidades da identificação projetiva, sendo que mesmo na personalidade psicótica ainda há um aspecto comunicativo e, na personalidade não psicótica, também há a cisão e a projeção, porém amenas.

Bion (1962/2013c) escreve no artigo, *Uma teoria do pensar*, que a atividade que conhecemos como “o pensar” foi, em sua origem, um procedimento para descarregar a psique do incremento de estímulos e que esse mecanismo foi denominado por Klein de identificação projetiva. A identificação projetiva é uma fantasia onipotente, na qual partes indesejáveis ou valorosas do psiquismo são dissociadas e colocadas no objeto. Bion comenta que a identificação

projetiva excessiva se deve a dois fatores: uma falta de continência do analista para acolher, momentaneamente, partes cindidas do analisando ou, por parte do paciente, uma intensa negação da realidade. As qualidades psíquicas da mente do analista se evidenciam como um fator fundamental – a capacidade de continência do analista – e, retrospectivamente, da mãe como primeiro objeto. Em outros termos, o analista precisa ter condições psíquicas para tolerar ser o depositário das partes indesejadas ou valorosas do analisando, ser continente para as angústias do paciente.

A identificação projetiva compreendida por Bion é, também, uma atividade básica da mente humana para comunicar emoções e passa a ser considerada a origem do pensar. Além de esse autor ressaltar o aspecto de comunicação humana fundamental, aloca o conceito no campo da intersubjetividade. Se, no texto kleiniano, a identificação projetiva reflete, predominantemente, os aspectos do mundo interno, do intrapsíquico, em Bion o conceito passa a pertencer, de forma mais evidente, ao campo interpessoal.

Entre identificação projetiva e *enactment*

O conceito de *enactment* entrou no vocabulário psicanalítico há, relativamente, pouco tempo; no entanto, devido a sua utilidade clínica, tem sido citado em vários textos e discussões.

Alguns autores (MCLAUGHLIN, 1998; BOHLEBER *et al.*, 2015) retomam a história do conceito, localizando sua primeira aparição no título de um trabalho de Theodore Jacobs, publicado em 1986: *On counter-transference enactments*, que se tornou, então, referência para o entendimento do termo.

No entanto, a paternidade do *enactment* se miscigena entre outros autores: Mclaughlin (1998, p. 78) refere-se a uma plenária em 1985, na qual o *enactment* foi um dos tópicos. Bohleber *et al.* (2015, p. 258) apresentam como, geralmente aceito, que, além do artigo de Jacobs (1986), as primeiras aparições do conceito aconteceram na discussão clínica com André Green. Joseph Sandler, com seu artigo intitulado *Countertransference and role-responsiveness* (1998/1976), também compõe o grupo de autores citados como referência ao surgimento da ideia. Posteriormente, Bohleber *et al.* (2015, p. 279) referem-se a uma apresentação de Betty Joseph (1999), *From acting out to enactment*, por ocasião da homenagem póstuma a Joseph Sandler.

Em 1998, foi lançada nos Estados Unidos uma coletânea de artigos sobre *enactment* organizada por Steven Ellman e Moskowitz. Em um deles, Paula

Ellman (1998, p.xiii) escreve que a ideia de *enactment* é redundante e está contida de, maneira conceitualmente mais clara, nos conceitos de transferência, neurose de transferência e contratransferência. Já, para Sandler (1998/1976, p.36), os termos projeção, externalização, identificação projetiva, e ainda “colocar partes do *self* dentro do analista” não são suficientes para explicar e entender os processos da dinâmica interação, que ocorre na transferência e na contratransferência. Quiçá, como vários dos conceitos que sucederam aqueles formulados por Freud, o *enactment* passa a ser objeto de intensos debates, alguns produtivos, outros nem tanto.

Quase todos os artigos da coletânea (ELLMAN, S.; MOSKOWITZ, 1998) buscam na origem do *enactment* o conceito de *agieren* (FREUD, 1914), no original alemão, traduzido para o inglês como *acting-out*. O *enactment* é compreendido, então, como uma repetição na transferência, via *acting-out*, ou seja, o novo conceito acaba sendo absorvido pelos anteriores, perdendo sua força e especificidade⁵. Na introdução da coletânea, há ainda uma referência ao conceito de pensamento-ação, de Kohut (1977), como umas das possíveis origens do *enactment*, entre outras já citadas.

É preciso considerar, ainda, a dificuldade em discernir o momento em que a palavra usual da língua inglesa *enactment* transforma-se em um conceito. Mclaughlin (1998, p. 77-8) tenta recuperar esse momento – adverte que, na obra freudiana traduzida para o inglês, a palavra aparece apenas uma vez, no artigo *A questão da análise leiga* (1926). Pesquisando em algumas revistas indexadas na língua inglesa, Mclaughlin não a encontrou nos índices remissivos, antes de 1986.

Mclaughlin (1998, p.83) refere-se à identificação projetiva e ao *enactment* psicanalítico citando o livro de Ogden (1982/1992) sobre o primeiro conceito, mas de forma breve e pouco aprofundada. Ogden (1982/1992) faz uso da palavra inglesa *enactment* para descrever o fenômeno clínico da identificação projetiva; e, tudo indica que não como uma nova sugestão conceitual.

Outro texto, mais recente, que faz essa aproximação entre identificação projetiva e *enactment* é o de Ivey (2010, p. 31). Para o autor, a definição de *enactment* se associa às concepções atuais da identificação projetiva, ou seja, enfatiza a participação mútua inconsciente de analista e analisando, e não apenas de alguém que sofre as pressões exercidas pelo analisando, discussão que será retomada adiante.

De qualquer forma, *enactment*, palavra inglesa que tem o significado de encenação, representação, atuação, colocar em cena, decretar (no sentido de

⁵ Ideia concordante com JUNQUEIRA, C. (2015).

ter força de lei), transforma-se em um conceito psicanalítico. Embora essa transformação tenha acontecido ao longo do tempo, podemos resgatar, mesmo que parcialmente e de forma não tão nítida, sua trajetória.

O conceito de *enactment* surgiu, predominantemente, entre psicanalistas americanos, com exceção de Sandler (1976/1987), autor britânico. Ogden, também americano, fez sua formação em Londres e tornou-se um pensador de destaque das obras, hoje consideradas seminais da psicanálise, talvez um dos poucos americanos que conhece profundamente a obra de Melanie Klein, além de James Grodstein (1985).

De fato, no livro *Projective identification and psychotherapeutic technique* (1982/1992), Ogden aclara a fenomenologia da identificação projetiva⁶ de maneira exitosa. Esse também parece ser um livro de transição para a construção de outros conceitos na década seguinte, tais como o do terceiro analítico. É preciso que se diga, porém, que o autor, até o momento, não faz parte do grupo que se dedicou ao conceito de *enactment*, embora, como referido acima, use a palavra em várias passagens para descrever o fenômeno clínico da identificação projetiva. Penso, então, que a compreensão que tem da fenomenologia da identificação projetiva aproxima-se da fenomenologia do conceito de *enactment*, como já apontado por McLaughlin (1998).

Na introdução do livro, deparamos com a afirmativa de que a identificação projetiva não é um conceito metapsicológico, mas um acontecimento que se manifesta em pensamentos, sentimentos e comportamentos. Aqui, já há, portanto, uma aproximação ao conceito de *enactment*, que também não parece ser metapsicológico⁷, manifestando-se na situação analítica pela ação: colocar em cena.

Cassorla (2015, p. 44), autor nacional que tem se dedicado ao conceito de *enactment*, com considerável reconhecimento internacional, faz uma distinção entre *acting-out* (*agieren* em alemão) e *enactment*, referindo-se ao fato de que o primeiro é compreendido como algo que acontece com o analisando, no qual o analista é apenas um observador. Freud (1914) utiliza o termo *agieren* para se referir a fatos que não podem ser lembrados e são, então, encenados na transferência. Cassorla também destaca que o termo *acting-out* ou atuação passou a ser usado de forma moralista por vários psicanalistas, como se atuar fosse uma opção consciente.

⁶ Ressalto que Ogden é um estudioso das obras seminais da psicanálise.

⁷ Há controvérsias sobre o que é denominado um conceito metapsicológico, mas que fogem do escopo deste artigo.

Considerando que esse conceito freudiano de *acting-out* é anterior à concepção intersubjetiva da situação analítica, trata-se de perspectiva unipessoal analista e analisando; ou seja, pertence à primeira geração de conceitos na psicanálise (Freud-Klein), segundo denominação de Ogden (2014). No entanto, se arrastarmos *acting-out* para dentro de uma compreensão bipessoal do par analítico – segunda geração de conceitos (Bion-Winnicott) –, essa diferenciação em relação ao *enactment* torna-se pouco nítida. Penso que o conceito de *enactment* contempla, e evidencia a inevitabilidade do analista ser convocado de forma inconsciente em direção ao que denominávamos, de forma autocondenatória, uma atuação, *acting-out*, do analisando ou do analista.

Para explicitar uma compreensão do *enactment*, uso a descrição de Casorla (2015, p. 47):

[...] fenômeno intersubjetivo em que, a partir da indução emocional mútua, o campo analítico é tomado por condutas e comportamentos que envolvem ambos os membros da dupla analítica, sem que eles se deem conta suficiente do que está ocorrendo, e que remetem a situações em que a simbolização verbal está prejudicada.

Destaco que essa compreensão está acoplada a outro conceito que vem sendo muito discutido na atualidade: a compreensão da situação analítica pertencendo ao campo analítico (BARANGER; BARANGER 2010/1961-2). Trata-se de termo que ganhou visibilidade na psicanálise, após a tradução do texto original para a língua inglesa, que somente ocorreu em 2008 (CHURCHER, 2010/2008).

Voltando ao texto de Ogden, ao descrever a fenomenologia da identificação projetiva, usa a palavra inglesa *enactment*. Nessa ocasião (1982/1992), o conceito *enactment* ainda não tinha sido formulado. No entanto, não se trata apenas do uso da palavra, a descrição fenomenológica é extremamente próxima daquela que levaria à formulação, apenas quatro anos depois, do conceito de *enactment*, mas sob a pena de outros autores, como já descrito.

Se nós imaginarmos por um momento que o paciente é ambos, o diretor e um dos atores principais em uma atuação (*enactment*) interpessoal de uma relação objetal interna; e que o terapeuta é um ator não intencional e não consciente no mesmo drama, então a identificação projetiva é o processo no qual o analista dirige uma peça para um papel particular. Nessa analogia é bom manter em mente que o terapeuta não se voluntariou para encenar e, somente retrospectivamente, entende que ele está desempenhando

um papel na atuação (*enactment*) de um aspecto do mundo interno do paciente (OGDEN, 1982/1992, p. 4).

Ogden (1982/1992) faz crer, então, que o posterior conceito de *enactment* pode estar amalgamado com o de identificação projetiva – são fenômenos psíquicos interpessoais na situação analítica que se mesclam, sendo difícil delimitar uma fronteira nítida entre ambos. Destaco, novamente, que, nesse livro, Ogden não se refere ao *enactment* como conceito, e, até onde pude averiguar, não encontrei o uso dele nas publicações posteriores do autor. O que intenciono destacar nesta discussão são a dificuldade e complexidade ao definirmos fronteiras conceituais; talvez seja um esforço contínuo, necessário, parcial e sempre inacabado.

Se acrescentarmos ao conceito de identificação projetiva o de contra identificações projetivas, de Grinberg (1963) – quando o analista não é capaz de conter as identificações projetivas de seu analisando e dirige novas identificações projetivas ao paciente –, convergimos novamente para uma aproximação com *enactment*. A diferença está, assim penso, no fato de que, quando descrevemos a identificação projetiva, temos um leque maior de manifestações que não são exclusivamente colocações em cenas. O *enactment* refere-se, predominantemente, à encenação, como o próprio significado da palavra revela. Por meio desse raciocínio, podemos pensar que o *enactment* seria uma especificidade, uma das várias formas de manifestação da identificação projetiva.

A questão que realço é que não apenas as identificações projetivas e as contra identificações projetivas (GRINBERG, 1963) fazem parte do conceito de *enactment*, mas elas se confundem com o próprio conceito. Ou seja, a nomeação *enactment* destaca o caráter de atuação da identificação projetiva, já que esta pode se manifestar de formas mais simbólicas e comunicativas, portanto, configurações não atuadas.

Cassorla (2015, p. 75) destaca: “Nem tudo o que ocorre na situação analítica pode ser explicado por identificações projetivas. Há algo dentro do analista, que faz parte dele, que o torna diferente de todos os demais”. Mas considerando que isso depende da compreensão que temos da identificação projetiva; ou melhor, as diferenças conceituais são sutis, complexas, parciais e, até, indistintas.

Se retomarmos a compreensão de Ogden (1982/1992 p.175), encontramos que há uma alteração no receptor, segundo suas características pessoais. Parafraseando o autor: a fantasia projetiva de uma pessoa não é simplesmente uma alteração na esfera representacional daquela pessoa. Na identificação pro-

jetiva, há um esforço de mudar a outra pessoa; esse processo psicológico interpessoal busca atualizar a fantasia projetiva na esfera da realidade interpessoal. Em outras palavras, o analista é arrastado – convocado – a partir de suas características pessoais a encenar uma fantasia que se torna interpessoal, da dupla. Essa ideia também está presente quando escreve:

O terapeuta que se permitir ser moldado pela pressão interpessoal e ser hábil para observar essas mudanças nele mesmo, terá acesso há uma rica fonte de material sobre o mundo interno do paciente – será conduzido por pensamentos e sentimentos – os quais são experienciados de maneira viva e imediata. Ainda que eles sejam extremamente incertos e difíceis de formular verbalmente; pois a informação está na forma de encenação (*enactment*) na qual o analista é um participante, e não na forma de palavras e imagens nas quais o terapeuta poderia prontamente refletir. (A questão da participação extensiva do analista nesse tipo de encenação (*enactment*) interpessoal é crucial...) (OGDEN, 1982/1992, p. 4).

Ou seja, o analista, com suas características pessoais, está implicado na situação – não é apenas o depositário “desimplicado” das identificações projetivas do analisando.

Rocha Barros (2016), em comunicação oral, relata que a identificação projetiva é a junção de uma expressividade e de uma evocação. A expressividade é um termo que provém das artes plásticas; e evocação é a representação mental colorida pela emoção. A identificação projetiva vai muito além de uma comunicação – ela inocula e infunde pensamentos pré-verbais. A imagem evocada no receptor pela identificação projetiva funciona como um símbolo pré-verbal, um pictograma afetivo.

Retomando, se compreendermos a identificação projetiva como um processo intersubjetivo, no qual tanto aquele que projeta, quanto aquele que é receptor da projeção são profundamente afetados nas suas subjetividades individuais, estamos mais amalgamados com o conceito de *enactment*. Este talvez possa ser compreendido como uma especificidade ou desdobramento da identificação projetiva, sua manifestação em ato, em cena. Ou, em outras palavras, o conceito de *enactment* realça o que já estava descrito e dá uma amplitude e complexidade diferenciada, principalmente no que se refere à implicação do analista. Cassorla (2015, p. 50) diz sobre a proficuidade do conceito de *enactment*:

Fica a dúvida se seria necessário um novo termo para o que subjaz a identificações cruzadas, que necessariamente ocorrem entre analista e paciente, com finalidade ao mesmo tempo obstrutivas e comunicativas. Entretanto, me parece que o termo *enactment* é útil, pelo menos por quatro motivos: 1. Chama a atenção para algo que não estava nomeado claramente, embora já descrito; 2. Não tem o aspecto pejorativo atribuído ao vocabulário *acting-out*, e vai além desse conceito; 3. Ao insistir no papel de ambos os membros da dupla analítica, influenciando-se mutuamente, enfatiza o aspecto intersubjetivo; 4. Ao definir um conceito permitiu que seu estudo fosse aprofundado [...].

Podemos questionar a relevância do conceito de *enactment* para a compreensão da clínica psicanalítica atual; no entanto, sua utilidade clínica favoreceu uma rápida e consistente presença em vários dos recentes artigos na área. O mesmo aconteceu com o conceito de identificação projetiva em meados do século passado – sua utilidade clínica atravessou as fronteiras de uma psicanálise ainda restrita às escolas (QUINODOZ, 2012).

Possivelmente, outra característica que tem facilitado a rápida expansão do conceito de *enactment*, é que este pode ser compreendido e utilizado, tanto por psicanalistas predominantemente freudianos e pós-freudianos, quanto por analistas que têm no seu acervo teórico uma influência do pensamento kleiniano. Entre aqueles em que predomina um vértice freudiano e pós-freudiano, como vimos, encontramos vários artigos que articulam o conceito de *enactment* com o *agieren* freudiano e o conceito determinante de transferência (SAPISOCHIN, 2015; GREENACRE, 1998).

Podemos conjecturar que o conceito de *acting-out* (*agieren* no texto freudiano original), conjuntamente com a identificação projetiva no texto kleiniano, conflui para a emergência do conceito de *enactment*. O *enactment* acontece no campo transferencial-contratransferencial, junto a outros fenômenos clínicos e se manifesta pela ação da díade analista e analisando. Ou seja, o analista está inexoravelmente implicado.

A partir da identificação projetiva e, principalmente, considerando as contribuições de Bion para a compreensão do conceito, podemos identificar o início do movimento teórico e clínico que considera o analista implicado na situação analítica. Nesse momento, inicia-se uma apreensão da intersubjetividade do par analítico, ampliada pelo trabalho de Thomas Ogden, entre outros.

Considerações finais

Considerando as reflexões feitas, podemos aludir que a identificação projetiva é um conceito de transição entre a primeira “era” Freud-Klein e a segunda “era” Bion-Winnicott. E, não podemos deixar de referir, novamente, que a identificação projetiva inaugura o campo da intersubjetividade dentro do universo teórico da psicanálise entre os pós-kleinianos.

O *enactment* parece pertencer, então, ao que estou denominando aqui de terceira “era”, como analista e analisando pensam juntos. Com esse conceito, provavelmente, estamos expandindo a compreensão da complexidade da interação intersubjetiva do par analítico, com a conseqüente e inevitável implicação do analista, e, também, realçando as manifestações em ato de pensamentos e sentimentos da dupla analista e analisando dentro do campo analítico.

E, se estamos na terceira “era” na construção de conceitos, conjectura aqui sugerida, pertencemos à geração que irá, cada vez mais, refletir sobre como analista e analisando pensam juntos.

Autora

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro. Psicanalista, doutorado Psicologia Clínica/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), profa. doutora/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Email: marinaribeiro850@gmail.com; marinaribeiro@usp.br.

Tramitação

Recebido em 28/04/2016

Aprovado em 20/09/2016

Referências

BARANGER, Willy. *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Tradução M. N. Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BARANGER, Madaline. ; BARANGER, Willy. A situação analítica como campo dinâmico. *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXIV. São Paulo: Escuta, 2010.

BARROS, Rocha Elias Mallet. Prefácio. In: OGDEN, T. H. *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. São Paulo: Escuta, 2014.

_____. INTERSUBJETIVIDADE, ALTERIDADE, TERCERIDADE:...São Paulo, 2016. **Anais**. São Paulo: SBPSP, 2016.

BION, R. Wilfred (1970). *Atenção e interpretação*. Tradução C. H. P. Affonso. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

BION, R. Wilfred (1957). Diferenciação entre as personalidades psicóticas e as personalidades não psicóticas. In: SPILLIUS, E. B. (Org.). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica*. p. 69-86. v.1. Tradução B. H. Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991a.

_____. (1959). Ataques ao elo de ligação. In: _____. _____. p. 95-109. v.1. Tradução B. H. Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1991b.

_____. (1959). Attacks on linking. *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 82, n. 2, p. 285-300, 2013a.

_____. (1962). The psycho-analytic study of thinking. *The Psychoanalytic Quarterly*, v.82, n. 2, 301-310, 2013b.

BION, R. Wilfred. *Conversando com Bion:...* Tradução Paulo César Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BOHLEBER, Werner. *et al.* Para o melhor uso dos conceitos psicanalíticos: modelo ilustrado com o conceito de *enactment*. Tradução M.M.O. Zuzarte. *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXIX, p. 251-280, 2015.

BORGES, Jorge Luis. *Primeira poesia*. Tradução J.V. Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASSORLA, Roosevelt M.S. *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. London: Karnac Books, 2015.

ELLMAN, Steven.J. ; MOSKOWITZ, Michael. *Enactment: toward a new approach to the therapeutic relationship*. London: Jason Aronson Inc, 1998.

ELLMAN, Paula. Is enactment a useful concept? In: ELLMAN, S.J.; MOSKOWITZ, M. (Org.). *Enactment: toward a new approach to the therapeutic relationship*. London: Jason Aronson Inc, 1998.

FREUD, Sigmund (1914). *Recordar, repetir e elaborar*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

_____. (1926). *A questão da análise leiga*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 24).

- GREENACRE, Phyllis. General Problems of Acting Out. In: ELLMAN, S.J.; MOSKOWITZ, M. (Org.). *Enactment: toward a new approach to the therapeutic relationship*. London: Jason Aronson Inc, 1998.
- GRINBERG, Léon. Psicopatología de la identificación y contraidentificación proyectivas y de la contratransferência. *Rev. de Psicoanálisis*, Buenos Aires, v. 20, n. 2, p. 113-23, 1963.
- GROTSTEIN, James. S. *A divisão e a identificação projetiva*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1985.
- HINSHELWOOD, Robert D. *Dicionário do pensamento kleiniano*. Tradução de J. O. A. Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- IVEY, Gavin. Controvérsias a respeito de *enactment*: uma revisão crítica dos debates atuais. Tradução Maria Helena Menicucci. *Livro Anual de Psicanálise*, Tomo XXIV, São Paulo: Ed. Escuta, 2010.
- JUNQUEIRA, Camila. Considerações sobre o *enactment* a partir de uma experiência clínica. *Rev. de Psicanálise da SPPA*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 435-449.
- KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: KLEIN, M., HEIMANN, P., ISAACS, S., ; RIVIÈRE, J. *Os progressos da psicanálise*. Tradução A. Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan, 1982. p. 313-343.
- _____. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Tradução de A. Cardoso. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996b.
- _____. (1955). Sobre a identificação. In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Tradução A. Cardoso. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996c. p. 169-204.
- _____. (1957). Inveja e gratidão. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. Tradução A. Cardoso. p. 205-267.
- _____. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: _____. _____. Tradução A. Cardoso. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996e. p. 85-118.
- KOHUT, H. *The restoration of the self*. New York: International Universities Press, 1977.
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Tradução Pedro Tamen.
- MCLAUGHLIN, James T. Clinical and theoretical aspects of enactments. In: ELLMAN, STEVEN.J.; MOSKOWITZ, Michael. *Enactment: toward a new approach to the therapeutic relationship*. London: Jason Aronson Inc, 1998.

MELTZER, Donalt. *O desenvolvimento kleiniano II*: desenvolvimento clínico de Melanie Klein. Tradução C. Bacchi. São Paulo: Escuta, 1990.

OGDEN, Tomas. H. *Projective identification and psychotherapeutic technique*. London: Karnac, 1992.

_____. *Os sujeitos da psicanálise*. Tradução C. Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

_____. *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. Tradução T. M. Zalcberg. São Paulo: Escuta, 2014.

PIRANDELLO, Luigi. *O falecido Mattia Pascal: seis personagens à procura de um autor*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1978.

QUINODOZ, Jean-Michel. L'identification projective: développements bioniens et post-bioniens. In: GUINARD, F.; BOKANOWSKY, T. (Org.). *Actualité de la pensée de Bion*. Paris: Éditions in press, 2007. p. 65-77.

_____. Projective identification in contemporary french-language psychoanalysis. In: SPILLIUS, E. B.; O'SHAUGHNESSY, E. *Projective identification: the fate of a concept*. London and New York: Routledge, 2012. p. 218-235.

SANDLER, Joseph. Countertransference and role-responsiveness. In: ELLMAN, STEVEN. J.; MOSKOWITZ, Michael. *Enactment: toward a new approach to the therapeutic relationship*. London: Jason Aronson Inc, 1998.

SAPISOCHIN, Gabriel. *Agieren revisitado: a escuta do enactment*. Livro anual de psicanálise, Tomo XXIX, São Paulo: Ed. Escuta, 2015. Tradução Ana Maria Rocca Rivarola.

SPILLIUS, Elizabeth. B.; O'SHAUGHNESSY, Edna. *Projective identification: the fate of a concept*. London; New York: Routledge, 2012.